

# TRAJECTÓRIAS PESSOAIS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE ASSISTENTES SOCIAIS

## EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

Nome	Função	Grau Académico
Ricardo Manuel das Neves Vieira	Investigador Responsável	AGREGAÇÃO
Cristóvão Adelino Fonseca Franco Ribeiro Margarido	Investigador	MESTRADO
José Carlos Laranjo Marques	Investigador	DOUTORAMENTO
Adriano de Jesus Miguel Dias Pedro	Investigador	MESTRADO

## Resumo

O presente projecto tem como enfoque principal a compreensão do processo de (re) construção identitária e profissional de Assistentes Sociais. Partimos do princípio que a formação e o exercício de uma profissão são alimentados por quadros de referência teóricos resultantes da educação formal, que variam consoante o espaço (currículo de cada instituição, método de ensino) e o tempo (história do Serviço Social). O que se ensinou nos primórdios da profissão não é seguramente o mesmo que se ensina agora. Por isso, parece ser óbvio que as condições objectivas a que Bourdieu chama também de mecanicismo contribuem para a construção de uma regularidade do modo de ser e agir profissional. (Bourdieu, 2002).

Com o conceito de *habitus*, Pierre Bourdieu procura articular as posições objectivas das estruturas sociais, a subjectividade da criatividade individual e as situações concretas da acção social. “[...] *as disposições dos futuros agentes, cuja vocação foi controlada por uma selecção psicológica, ver-se-ão, ao mesmo tempo, reforçadas, de maneira irreversível, e explicitamente legitimadas.*” (Verdès-Leroux, 1986:10)

Segundo Christine Josso (2002), o Profissional que age não o faz só considerando os ensinamentos formais da heteroformação e da ecoformação. Fá-lo também com a autoformação e reflexividade sobre a experiência de vida. Como salienta Craig Lecroy “*O trabalho social é, para muitos, uma via de transformação para eles próprios, para*

*outros e para a comunidade. Assim, muito pode ser aprendido ao compreender a vida e o trabalho dos trabalhadores sociais.” (Lecroy, 2002:2)*

Recorreremos a pesquisa qualitativa e análise de conteúdo (Guerra, 2006) de narrativas resultantes de entrevistas etnobiográficas (spradley, 1979; Vieira, 2003). No fundo pretende saber-se, relativamente aos Assistentes Sociais “[...] *o que aprenderam, o que passaram a saber, que transformações ocorreram nas suas representações, práticas e identidades pessoais e profissionais?*” (Vieira, 2004: 50). Neste sentido, pretendemos entender como “nascem” e como se formam profissionais desta área, quais as representações que têm da profissão, de que forma a “habitam” e em que medida é que a vertente pessoal influencia a construção profissional e vice-versa, não só na racionalidade técnica (Caria, 2000) como, também, ao nível das atitudes, da inteligência emocional, (Goleman, 2000; Filliozat, 1997) e das disposições para a acção (Bourdieu, 2002). Que razões levam um indivíduo a enveredar pelo trilho do trabalho social?

Esta abordagem, como parece ter ficado claro, não se inscreve nem na dimensão macro das condicionantes objectivas da sociedade nem nas perspectivas microscópicas e psicologizantes da análise do indivíduo. Como refere Isabel Guerra (2002: 19), “ *a oposição individuo-sociedade manteve-se como uma das bases dicotómicas entre as teorias mais interaccionistas e mais sistémicas, dividindo as academias e os centros de pesquisa*”. O uso que aqui se faz do conceito de *habitus* tem como objectivo justamente procurar esse *continuum* entre o actor e o sistema. Não se trata de estudar a identidade da profissão, que também não é homogénea, nem no espaço, nem no tempo, uma vez que há escolas de pensamento que variam com a latitude no tocante ao pensar e agir da profissão e com o tempo, quer dizer, ao longo da história do serviço Social.

Face ao objecto agora definido: Como é que os Assistentes Sociais explicam o seu modo de ser e agir na profissão? Atribuem todas as competências a factores externos como a escola, currículo, profissionalização, etc? Ou valorizam também outras dimensões (e quais?) que só a entrevista etnobiográfica (Poirier *et all*, 1995; Atkinson, 1997; Spradley, 1979; Vieira, 2003); poderá desocultar, tais como modelos, positivos e negativos, e factos e incidentes críticos subjectivados e incorporados ao longo da vida?

O objecto central desta pesquisa tem como âmago mais a heterogeneidade dos profissionais do que a sua homogeneidade. Por isso preferimos falar de identidades dos profissionais de Serviço Social, partindo do princípio de que, neste estudo, se utilizará uma metodologia que envereda mais pelos aspectos micro-sociológicos, interpretativos e fenomenológicos, do que pelos macro-sociológicos.

Estamos, contudo, cientes dos perigos e limitações dos dois extremos apontados: o macro-sociológico, que pretende compreender a floresta sem no entanto nunca ter estudado a árvore; e o excesso micro-sociológico que fica por vezes apenas numa árvore sem nunca chegar à floresta (Morin, 1996; Nicolescu, 2000)